



QUEM SÃO AS CRIANÇAS ÍNDIGO

O termo, nascido nos Estados Unidos, nos anos 90, designa crianças que teriam vindo ao nosso planeta para ajudar neste momento de transição planetária, em que a Terra deixaria de ser um mundo de expiação e provas, passando ao patamar de mundo de regeneração. Essas crianças seriam assim designadas por possuírem uma aura nessa tonalidade, conforme descrição de médiuns videntes. O tema foi abordado por Divaldo Franco em livro e tem sido muito comentado. Por confundir os 5Ps – forma com que o cineasta Wagner de Assis (entrevistado nesta reportagem) se refere a pais, professores, pediatras, psicólogos e psiquiatras –, essas crianças têm recebido atenção da mídia e inúmeros artigos em todo o mundo têm sido publicados a seu respeito.

A revista Seareiro prefere uma abordagem mais cuidadosa, como você verá nas páginas a seguir. Mesmo porque, citando a palestrante Rita Foelker, todas as crianças, de alguma maneira, quer sejam índigo ou não, nos ajudam a crescer, a evoluir e a mudar de atitude.

Trazemos ainda um artigo para ajudar os pais a refletirem sobre os padrões de consumo que estão sendo muitas vezes impostos pela sociedade aos pequenos. Boa leitura!

CRIANÇAS ÍNDIGO PRECISAM DE LIMITES PARA AJUDAR TRANSIÇÃO PLANETÁRIA

“A nova geração, devendo fundar a era do progresso moral, se distingue por uma inteligência e uma razão geralmente precoces, unidas ao sentimento inato do bem e das crenças espiritualistas, o que é o sinal indubitável de um certo grau de adiantamento anterior. Ela não será composta, pois, exclusivamente de Espíritos eminentemente superiores, mas daqueles que, tendo já progredido, estão predispostos a assimilar todas as ideias progressistas, e aptos a secundar o movimento regenerador.”
(Trecho de “A Geração Nova”, em A Gênese, de Allan Kardec)

No último capítulo de *A Gênese*, São Chegados os Tempos, Allan Kardec coloca os sinais da geração nova. Aqueles que ajudarão na transformação do planeta de provas e expiações para regeneração. A transição planetária precisa de reforços para ocorrer, e uma nova geração de Espíritos vem reencarnar na Terra. Desde os anos 70, crianças com comportamentos e características diferentes têm sido detectadas (ver box). As crianças índigo podem ser essa geração nova para a aguardada mudança do planeta. O que sabemos é que os pais têm papel fundamental para que esses Espíritos possam cumprir sua missão na Terra.

Há muitas teorias sobre essas crianças. Diversos estudos em todo o mundo, além de grandes expoentes do Espiritismo como Divaldo Franco e Haroldo Dutra Dias, têm falado sobre elas. Uma das primeiras publicações sobre as crianças índigo é dos espiritualistas norte-americanos Lee Carroll e Jan Tober no best-seller *Crianças Índigo, As Novas Crianças*. Segundo Carroll e Tober, as crianças que reencarnaram recentemente são diferentes das gerações anteriores. São chamados “filhos da luz”, “as crianças do milênio” e “crianças índigo” por muito boas razões. Essas crianças são altamente sensíveis e absolutamente psíquicas, com tolerância zero à desonestidade e à falta de autenticidade.

O livro *A Nova Geração - Visão Espírita das Crianças Índigo e Cristal*, de Divaldo P. Franco e Vanessa Anseloni – baseado numa palestra deste expoente da Doutrina Espírita, em 2006, em Oswego, no estado de Illinois, EUA –, traz mensagens que chegam da espiritualidade maior. “Asseveram os Espíritos nobres que a nova geração é que

vai desenvolver o lado direito do nosso cérebro, o lado intuitivo, mediúnico, a área das percepções psíquicas. Essa geração que se está formando vem sendo chamada de geração de crianças índigo, em razão de serem seres especiais que emitem, em suas auras, uma irradiação com uma tonalidade azul-violeta específica, igual ao índigo, que é encontrada em uma planta na Índia”, explica Divaldo.

“Essas crianças têm-se constituído um grande desafio para a pedagogia, para a psicologia, para o relacionamento interpessoal, porque algumas delas, desde os dois anos, rebelam-se contra o formalismo, contra tudo aquilo que existe, produzindo uma grande dificuldade para os adultos na escola, no lar, no recreio”, coloca Divaldo. Inclusive, muitas delas são diagnosticadas com hiperatividade e/ou com déficit de atenção pelos médicos.

“As estatísticas revelam que elas começaram a chegar no século passado, por volta de 1970. E que nos anos 90, o seu número já era muito grande, o que constituiu um grave problema para a neurologia, para a psiquiatria, que no seu código de classificação referente às doenças havia estabelecido que uma criança que não tem atenção, irrequieta, revela ser portadora de alguma patologia, como autista ou hiperativa”, ensaia Divaldo. Certamente, em muitos casos o diagnóstico é válido, baseado em causas químicas e genéticas. “A hiperatividade é um sinal de que algo está em desajuste. A hiperatividade em si mesma não classifica o índigo. Ela pode ser um dos sinais comportamentais da criança índigo. Espiritualmente falando, tendências

de vidas passadas, mediunidade e obsessões espirituais podem induzir à hiperatividade”, analisa Divaldo. Carroll e Tober colocam que em muitos casos as crianças são mal interpretadas porque a ciência não aceita como sendo terapeuticamente importante focar a atenção no Espírito e no reino etérico destas crianças.

Eles observaram que muitos dos diagnosticados estão focados, justamente, no mundo espiritual e etérico. Estes índigos, classificados como possuidores de desordens da atenção, não podem relacionar-se consistentemente com a mente linear ou objetivos lineares. “Isto não é um déficit, mas sim uma característica muito valiosa. Se lhes proporcionarmos um diálogo criativo, no qual possam expressar as suas atividades de modo seguro, e se lhe oferecermos orientação espiritual ao seu reino criativo, teremos a chave para tratar as desordens da atenção e hiperatividade”, acreditam Carroll e Tober.

Os norte-americanos ensinam: se você se incomodar com algum aspecto do comportamento do seu filho índigo, o primeiro passo é resistir ao impulso de reagir imediatamente. Espere de 5 a 10 minutos. Depois de se acalmar, peça a intervenção espiritual dos mentores espirituais. Nunca se esqueça de que escolheu ser pai ou mãe de uma criança índigo. A Doutrina Espírita confirma essa ideia de que escolhemos os nossos pais durante o planejamento reencarnatório.

O Evangelho Segundo o Espiritismo afirma que certos pais menosprezam seus deveres. Em *A Libertação do Espírito*, de Luciano Varanda e Alzira Amui, é colocado: ser pai pede um compromisso e responsabilidades diferentes das de vir como filho. A responsabilidade que a paternidade pede ao Espírito tem outras implicações, especialmente no campo dos sentimentos. Por ignorar esse fato, muitos Espíritos vêm perdendo grande oportunidade de aprender a amar, a perdoar, a educar e a exemplificar. Ou seja, ser pai ou mãe é uma grande oportunidade de aprender.

Divaldo diz que a criança índigo não deve ser reprimida, mas sim, esclarecida. Quando ela percebe o que é, sente-se bem, conscientiza-se. Mas, o que acontece com aqueles pais que não têm sensibilidade para entender o feliz relacionamento com os filhos dessa classe? Revoltam-se, castigam-nos, e podem desenvolver sentimentos de ira e de mágoa. Isso porque perdem a sensibilidade, sentem-se desrespeitados.



“Não podemos esquecer que o Espírito, encarnando para se aperfeiçoar, é mais acessível durante a infância e juventude às impressões que recebe e que podem ajudar no seu adiantamento, para o qual devem contribuir aqueles que estão encarregados de sua educação.”



Há pais de outro extremo. Aqueles que não querem desapontar seus filhos, por considerá-los especiais. “Essa atitude não é adequada, pois vai na contramão do papel fundamental da paternidade, que é o de educar e guiar seus filhos”, lembra Divaldo. “Não podemos esquecer que o Espírito, encarnando para se aperfeiçoar, é mais acessível durante a infância e juventude às impressões que recebe e que podem ajudar no seu adiantamento, para o qual devem contribuir aqueles que estão encarregados de sua educação.”

Essas crianças, que podem nos ajudar na transição planetária, precisam de limites. A criança índigo precisa ser corrigida e de limites. “Discipline sem castigo”, ensinam Carroll e Tober. A disciplina mostra-lhes o que fizeram de mal, denuncia a autoria do problema, e oferece meios para resolver a situação deixando a dignidade deles intacta. Faça-os experimentar as consequências lógicas e realistas dos seus atos. O caminho é ensinar a criança índigo que ela tem o controle positivo da sua vida, que pode tomar decisões e resolver os seus próprios problemas. “As crianças querem este tipo de orientação, que reforça a sua natureza real e sábia, e dá-lhes a capacidade de serem indivíduos responsáveis, cuidadosos e com recursos, permitindo-lhes ser o que elas de fato são”, concluem Carroll e Tober.

O palestrante e escritor Haroldo Dutra Dias, em palestra proferida em Toronto, Canadá, diz que temos que ter cuidado com as rotulações, se esta ou aquela é uma criança índigo ou não. “Não sabemos quantas serão, quais são os planos da espiritualidade, quais serão as etapas. O que nós percebemos é que certas crianças vêm com uma estrutura psíquica mais liberada, têm acesso mais fácil ao passado (reencarnações) do que a minha geração”, explica. Dutra coloca que temos visto crianças muito inteligentes, mas muito agressivas. Outras com acesso a vários conhecimentos, extremamente observadoras e inteligentes, mas muito egoístas ou ansiosas, ou seja, sem nenhum controle das emoções. Outras reencarnações têm sido de Espíritos que têm um comportamento moral que é superior ou muito superior ao dos pais. “Essas crianças vêm com um senso de justiça, de respeito, uma capacidade de dividir, de ser fraterna, numa idade muito precoce. Você vê que aquilo é um valor moral”, completa Dutra.

Saber se o filho é ou não índigo, cristal ou da nova geração, pouco importa. O palestrante lembra que as primeiras crianças precisam de atenção, de compromisso do pai e da mãe, que darão uma estrutura emocional para ela, ensinando-a valores morais. “Vamos imaginar essa criança com alta capacidade intelectual, se ela absorve valores morais, é um passo adiante. Com certeza, é uma geração superior a nossa. Mas se ela não absorver valores morais, nós podemos ter grandes inteligências recrutadas pelo mal, e que poderão causar um grande prejuízo”, alerta Dutra. E aconselha, mais do que estabelecer rótulos, há necessidade de observar essas duas variáveis, em que medida essa criança apresenta um desenvolvimento intelectual, ou um desenvolvimento emocional, superior à média? De qualquer forma, ela precisa receber um processo de formação moral, uma atenção especial.

Lembra Divaldo, que ainda que as crianças índigo

tenham reencarnado com propostas de regeneração e renovação de si mesmas, bem como da humanidade, há que se recordar a importância da fase infanto-juvenil para a sua instrumentação, a fim de que alcancem êxito. Dar uma educação ética e moral aos filhos é um dever dos pais. Os centros espíritas, por intermédio da evangelização infanto-juvenil, oferecem esse suporte de vida às crianças para que elas possam cumprir o seu planejamento reencarnatório e ajudar o nosso planeta a se regenerar. As crianças índigo devem aprender a ter consciência que a vida é feita de escolhas e se elas estiverem pautadas no Evangelho do Cristo, podem atingir mais facilmente seus objetivos.

Contraponto

A Seara Bendita recebeu, em 2008, a palestrante Rita Foelker, que falou sobre o mesmo tema, deixando bem claro que se tratava de sua opinião sobre o assunto. A síntese da palestra está na edição 102 da revista **Seareiro**, de março/abril de 2009. Resumindo, ela aponta duas colocações muito interessantes para a nossa reflexão:

» Cuidado com a discriminação ou desvalorização para com aquelas crianças não índigo.

» Vocês conhecem alguma criança que não nos ajudou a crescer, a evoluir, a mudar de atitude? Claro que não, todas elas nos ajudam de alguma maneira.

Rita argumenta que: “Talvez tais crianças sejam intelectualmente bem desenvolvidas, não necessariamente mais do que as crianças não índigo, porém, o fato de terem muita dificuldade para conviver com o próximo, de compreender o outro, de ter reações violentas, pouca capacidade para desenvolver afeto e empatia, demonstra pouca evolução moral, tendo muito ainda a crescer”.

Rita tece também algumas críticas ao casal Lee Carroll e sua ex-esposa, a cantora Jan Tober, responsáveis por divulgar a ideia de criança índigo pela primeira vez, em 1991, nos Estados Unidos. De acordo com suas revelações, essas crianças já nascem com o DNA alterado e acabam tendo dificuldade para se desenvolver em sua plenitude, não só pela desinformação generalizada como, também, em função dos resíduos genéticos dos pais que ainda se misturam com as características de um novo código genético próprio de uma evolução em andamento. Quanto maior a influência genética, maiores os obstáculos para a criança índigo desenvolver seu “DNA capacitado”. Isso requer a intervenção de um “profissional especializado” que oriente o índigo, sua família e professores.

Há, também, uma associação muito rentável, a “Corporação para Ampliação Energética”, onde os tais “profissionais capacitados” se propõem auxiliar as pessoas que não são índigo, com uma série de sessões pagas, a readaptar seu DNA para ganharem o direito de habitar a “nova galáxia”. Os adeptos brasileiros são bastante atarefados nesse trabalho, oferecendo a “iluminação” por intermédio de seminários, mediante pagamento.



10 características mais comuns das crianças índigo*

1. Vêm ao mundo com um sentimento de realeza (e frequentemente comportam-se como tal).
2. Têm a sensação de “merecer estar aqui” e surpreendem-se quando outros não compartilham esta mesma sensação.
3. A autoestima não é, para elas, um grande tema de preocupação; com frequência dizem aos pais quem elas são.
4. Têm dificuldade em aceitar uma autoridade absoluta (sem explicação ou sem alternativas).
5. Pura e simplesmente não farão certas coisas, por exemplo: custa-lhes esperar numa fila.
6. Frustram-se com sistemas que são apenas rituais e que não requerem criatividade.
7. Muitas vezes têm formas melhores de fazer as coisas tanto em casa como na escola, o que as torna rebeldes e desintegradas de qualquer sistema.
8. Parecem muito antissociais, a menos que se encontrem entre crianças semelhantes. Se não houver outros com o mesmo nível de consciência, tornam-se retraídas, sentindo que não há seres humanos que as entendam. A escola é o local onde lhes é muito difícil socializar.
9. Não respondem à disciplina de “culpa” (Espera que o teu pai chegue a casa e veja o que você fez).
10. São tímidos em expressar o que precisam.

* Segundo os autores Lee Carroll e Jan Tober

A NOVA GERAÇÃO

Nesta entrevista exclusiva para a revista Seareiro, o cineasta Wagner de Assis comenta sobre essas crianças que deixam pais, professores, pediatras, psicólogos e psiquiatras “de cabelo em pé”

O diretor e cineasta Wagner de Assis promete um 2015 de grandes lançamentos, além de contar a vida de Allan Kardec nas telas, lançará o filme de ficção *A Menina Índigo*, de temática espírita. Na ocasião, será lançado um documentário sobre crianças índigo em diversas partes do mundo chamado *Que Geração É Essa?*. Segundo o próprio Assis, “comecei minha pesquisa pessoal sobre o tema, sempre com uma câmera na mão. O resultado ficou tão legal que decidimos lançar um documentário a partir do material coletado. Já está pronto, mas

vamos lançá-lo junto com o filme *A Menina Índigo* que começa a ser rodado em dois meses”. Em meio a tantos projetos, Wagner arranjou um tempo para conversar com a revista **Seareiro** para falar sobre criança índigo, chegada do planeta de regeneração e a nova geração, que acredita que está reencarnando em todo o mundo.

Por que fazer um filme sobre crianças índigo?

Eu gosto do tema. Li o livro do Divaldo Franco, suas palestras, e há três anos comecei a fazer a minha



pesquisa pessoal. Viajei por várias partes do mundo, sempre com uma câmera na mão. O resultado ficou tão interessante que decidimos transformar a pesquisa num documentário de 60 minutos sobre crianças índigo chamado *Que Geração É Essa?*.

Quando será lançado?

No ano que vem, junto ao filme *A Menina Índigo*, que é a história de uma menina índigo de sete anos que deseja juntar seus pais que são separados. É um sonho quase ingênuo. Ela não quer ir à escola e vai morar com o pai. No fundo, é ele quem precisa mais de ajuda. A menina quer pintar, brincar e colorir o mundo. Ter uma família feliz.

Você fez o filme *Nosso Lar*, de grande sucesso. É mais um filme espírita?

O cinema não precisa de rótulos, o cinema é arte. É de temática espírita. O Espiritismo é uma convergência de religiões, basicamente filosófica. As pessoas quase criam um gênero. O filme é para a família.

Por que falar sobre crianças índigo?

Eu acredito que haja uma crise dos 5Ps (pais, professores, pediatras, psicólogos e psiquiatras). Eles não sabem como lidar com essa nova geração de crianças. Muitas estão sendo diagnosticadas com TDA (transtorno de déficit de atenção), TDHA (transtorno de déficit de atenção e hiperatividade), alguns aspectos de autismo, muitas são superdotadas. Com pouca idade, falam duas ou três línguas sem ninguém ter ensinado, relatam vidas passadas.

Bem, na história da humanidade, temos relatos de crianças superdotadas ou de crianças que se lembram de vidas passadas. O que há de diferente agora?

Sim, claro. Mas suas auras vibram numa cor azul índigo como foi relatado pelos psicólogos do livro *Geração Índigo*. Elas estão reencarnando em massa, com uma grande herança de talentos, inteligentes, com um grande potencial humanístico, artístico... Os 5Ps não estão conseguindo lidar com essas crianças que vêm nos ajudar a transformar o mundo.

Você acredita que estas crianças são a Nova Geração, relatada por Kardec no capítulo “São Chegados os Tempos” do livro *A Gênese*?

Sim, tenho certeza disso. Elas são a geração nova que vem ajudar o nosso planeta no processo de regeneração. São crianças especiais. Apesar do momento de transição, da dor que estamos passando no planeta, esses Espíritos da nova geração estão reencarnando em várias partes do mundo. Não são casos isolados. Essas crianças não



Wagner de Assis é carioca, formou-se em jornalismo e começou a vida profissional no Departamento de Comunicação da TV Globo. Em 1997, estudou cinema nos Estados Unidos. Na volta, abriu a própria produtora, a Cinética Filmes, no mesmo ano. Escreveu roteiros de quatro filmes da apresentadora Xuxa. Seu primeiro longa-metragem como roteirista, produtor e diretor foi *A Cartomante*, baseado no conto de Machado de Assis.

Filmografia (diretor)

»*Nosso Lar* (2010)

»*Carmen Miranda* (2005): documentário veiculado na exposição *Carmen Miranda para Sempre*.

»*A Cartomante* (2004)

se encaixam, elas não precisam de escolas, mas de uma nova educação. Essa mesma que Kardec e Pestalozzi falam do ser integral.

Você acha que a evangelização infantil ajuda essas crianças?

Eu acho fundamental uma melhor condução espiritual com conceitos éticos e espirituais. E não é só espírita, mas qualquer tipo de condução religiosa. Pois crianças que nascem na Ásia, por exemplo, não vão receber uma educação espírita. A criança índigo precisa ser amada, respeitada e ouvida.

Roxana Varela Trabalhadora e Expositora da Área de Infância e Juventude da Seara Bendita. Coordenadora da coluna Infância e Juventude da revista Seareiro

COMO EDUCAR OS FILHOS NA QUESTÃO DO CONSUMO

A criança é símbolo do futuro. O discurso acerca da criança é sobre o presente e o futuro da sociedade

Portadora das expectativas de mudança social por parte da opinião pública, parece que a criança não deu a resposta esperada. A precocidade da criança consumidora é fonte de inquietação para outros, já que a seus olhos comprova o poder dos condicionamentos sociais.

A rigor, a família é uma instituição social que compreende indivíduos ligados entre si por laços consanguíneos e, principalmente, espirituais. A formação do grupo familiar tem como função a educação, que abrange outros fatores como amor, atenção, compreensão, coerência e, sobretudo, respeito à individualidade de cada componente do instituto doméstico, até porque cada integrante do grupo familiar tem sua própria evolução espiritual e seu livre-arbítrio.

Vestem-se à imagem dos outros, comparam carros, móveis, gostos e comidas, negando a cada membro, de forma nociva, a verdadeira vocação do ter esquecendo-se do ser fomentado pela mídia e grupos de referência, tentando sempre copiar modos de viver que não condizem com suas reais motivações.

Outras agremiações familiares denominadas exibicionistas são aquelas em que os membros do lar se associam para suprir a necessidade que nutrem de serem vistos, ouvidos, apreciados e admirados. Ajudam-se mutuamente, ressaltando uns as imagens dos outros, focalizando áreas que podem ser valorizadas pelo social, como, por exemplo, a beleza física, as vestimentas, os recursos financeiros. Buscando comparações sempre com pessoas de posses materiais superiores ao seu padrão, gerando frustrações.

Os casais geram cada vez menos filhos. No Brasil, caminhamos para a média de apenas um por casal, ao qual os pais buscam dar todos os bens materiais possíveis. Ter hoje, mais amanhã, propiciando felicidade passageira, gerando frustrações importantes quando de uma eventual perda material. A sociedade não prepara a criança para o crescimento interior, espiritual, este sim, residente, duradouro e que dará ao futuro adulto, segurança para superar dificuldades com equilíbrio e fé nas forças emanadas pelo Plano Superior.

Crianças educadas por adultos incapazes de estabelecer limites às suas vontades e desejos, que os contestavam de forma ilimitada e sem nenhuma barreira, desenvolveram dependências patológicas, gerando progressivamente uma acentuada incapacidade de resolver os problemas peculiares à sua idade, os quais poderiam ser facilmente encarados e solucionados em outro contexto.

Pessoas inseguras e insuficientemente maduras podem educar filhos da mesma maneira como foram criadas, repetindo para sua atual família os mesmos comportamentos “superprotetores” que vivenciaram na fase infantil, ou mesmo, por terem tido uma enorme experiência de rejeição no lar, também adotam a “superproteção” como forma de compensar tudo o que passaram e sofreram na infância.

Quando crianças, somos como uma “argila frágil” ou mesmo como um “galho verde”, prontos para sermos modelados ou direcionados pelos nossos pais, que têm por missão desenvolver nossos potenciais como uma de suas tarefas principais. Aprendemos grande parte de nossas percepções e reações emocionais por meio da influência dos adultos a nossa volta. Desde recém-nascidos, nós todos somos extremamente sensíveis ao ambiente em que vivemos e, portanto, os adultos devem meditar sobre as posturas que tomarão em relação às crianças, pois terão forte importância em seu desenvolvimento futuro.

Ressalte-se que os pais assumiram compromissos no Plano Espiritual de auxílio aos integrantes do corpo familiar, em especial às crianças, ensinando e vivenciando a moral e ética cristã, lembrando-nos do livre-arbítrio de cada um e da evolução espiritual do indivíduo encarnado em nosso lar. Determinados atos no ambiente familiar podem “melhorar” e “desenvolver” ou “deteriorar” e “inibir” a organização psicossocial da personalidade infantil.

Cada criança é um mundo à parte. Embora existam necessidades generalizadas para todas, também a individualidade de cada uma deve ser respeitada, pois os filhos são diferentes entre si, até mesmo os gêmeos univitelinos.

Não se podem determinar modelos, receitas e atitudes absolutamente fixas e rígidas. Aceita-se com flexibilidade que cada criança terá sua importância à medida que desenvolve sua personalidade.

Outro ponto importante é que, em muitas circunstâncias, as reações educativas dos pais não atendem basicamente os filhos senão a eles mesmos. Inconscientemente, tentam educá-los por meio das projeções de seus conflitos, das frustrações e dos problemas pessoais, nunca atingindo uma dinâmica profunda e direcionada às reais necessidades dos filhos. Certos adultos vivem suas dificuldades interiores na vida da criança, tentando resolver seus problemas nos problemas infantis, sentindo-se destrozados ou vitoriosos conforme as derrotas e os triunfos dos filhos. O resultado disso tudo será uma pessoa atingindo a maioria completamente desconectada de suas realidades, profundamente desorientada.

Portanto, devemos ser cuidadosos na análise de nossas influências paternas junto aos filhos, porque em nome da missão ou da educação filial não nos é lícito forçar ou distorcer os “galhos verdes”, impondo-lhes opiniões e decisões, deixando de proporcionar-lhes gradativamente o hábito das próprias escolhas. Superprotegidos contra os erros, defendidos dos problemas e das dificuldades, vemo-los crescendo à sombra dos pais, indecisos até sobre a mais simples opção, numa situação de dependência e apego que se prolonga, em muitos casos, durante toda a vida.

Seria muito cômodo atribuir as virtudes e os defeitos da sociedade atual simplesmente aos modelos de comunicação e aos modelos de ensino cada vez mais ultrapassados. Senhores pais, está na hora de assumir responsabilidades e decidir o modelo mais adequado de educação, de instrução, moral e ética cristãs e, principalmente, de comunicação para nossos filhos, fornecendo-lhes caminhos para a evolução espiritual em primeiro lugar, para que enfrentem esta encarnação com segurança, equilíbrio, harmonia e felicidade, que é única de cada indivíduo. Ninguém me faz feliz ou infeliz, depende exclusivamente de cada um de nós.

Sergio Sanches Marin Expositor da Seara Bendita

